



Pesquisa na Transamazônica: Google, atoleiros, lontra (*Lutra longicaudis*) e borboletovia

Mariluce Paes-de-Souza
Theophilo Alves de Souza Filho
Eugenio Avila Pedrozo
Tania Nunes da Silva

“Tinha uma lontra no meio do caminho... no meio do caminho tinha uma lontra”. Isso já é o epílogo de nossa viagem a Lábrea/AM. Pesquisar na Amazônia requer, antes de mais nada, espírito de aventura e muita coragem. São muitas as histórias que teríamos para narrar. No entanto, escolhemos, para publicar nesse livro, uma que aconteceu quando nós pensamos em visitar a cidade de Lábrea, situada às margens do Rio Purus, no Estado do Amazonas. O motivo da viagem era para cumprir um dos objetivos de um projeto de pesquisa sobre a castanha do Brasil, apoiado pelo CNPq, projeto este que abrange 6 Estados da Região Norte, uma parceria entre nós, pesquisadores da Unir/RO e UFRGS/RS.

A primeira tentativa de chegar a Lábrea já foi frustrada. Por outro lado, cremos que esta tentativa inicial merece algum comentário. Lábrea é uma cidade localizada no Estado do Amazonas. Porém, o acesso mais fácil a ela é por Rondônia, pela conhecida BR Transamazônica. Pois o episódio deu-se assim: era final do mês de maio de 2013. Consultamos o Google, que evidenciou que seriam 3 horas de viagem de Humaitá/AM à Lábrea/AM. Saímos de Porto Velho/RO de carro, em uma pick-up – L 200 cabine dupla. Ao chegarmos no entroncamento da BR 319 com a Transamazônica (uma estrada com leito de barro), no sentido Lábrea, verificamos que havia chovido muito durante o dia e, em decorrência disto, havia muita lama e grandes “crateras”. Tínhamos dúvidas sobre as reais condições da via, e, por isso, fomos até a cidade de Humaitá/AM, situada à margem esquerda do Rio Madeira. Num posto de gasolina BR, fomos informados que “nem caminhão grande” estava passando, e que, se nos arriscássemos, era certo que ficaríamos “atolados”. Voltamos até a entrada da estrada novamente para obter mais informações e encontramos um caminhão que havia retornado do “meio do caminho” por que havia atolado, estourado pneus, etc. Uma certa desconfiança bateu,

pois o pessoal do caminhão, que estava para reiniciar sua viagem à Lábrea, convidou-nos para acompanhá-los. Nós, em uma caminhonete, e eles, em um caminhão. Conversando com pessoas de Humaitá, percebemos que o Google não leva em consideração condições inadequadas das estradas e que, portanto, estava "ligeiramente" incorreto. Seriam 12 horas de viagem, se tudo desse certo...

Como a programação inicial da equipe não permitia uma extensão tão significativa do cronograma, decidimos fazer uma prospecção em Humaitá/AM mesmo. Chegando ao modesto hotel local, encontramos quatro motociclistas que acabavam de chegar de Lábrea. Estavam todos cobertos de lama. Fomos agraciados com dormitórios que, no mês anterior, foram utilizados pelo Governador e pelo Vice-Governador do Estado do Amazonas. Eram apartamentos amplos, mas com problemas de manutenção. Nada funcionava perfeitamente, e havia até aranhas, lagartos e pequenas rãs. Talvez por não serem ocupados com frequência, havia tantos hóspedes ilustres nesses apartamentos. O proprietário, que morava no próprio hotel, foi solicitado, e atenciosamente providenciou a limpeza, tendo removido os aracnídeos, batráquios e outros. "Agasalhamos" nossas coisas, depois de retirá-las de sacos de polipropileno (medida necessária para evitar o pó e a chuva na viagem). Pensamos num banho quente e gostoso, mas... bateram nas portas de nossos apartamentos. Abrimos as portas e nos deparamos com uma equipe de policiais fortemente armados, à procura de um foragido do sistema prisional local. Depois de tantas emoções, para não perder o hábito, entramos na internet para ver os e-mails. Já era início da noite.

Após o "inverno" amazônico, foi organizada novamente uma ida de carro à cidade de Lábrea. Afinal, esse local atende a todos os critérios estabelecidos para efetuar a pesquisa numa amostra representativa do Estado do Amazonas. Dessa vez, o empreendimento foi feito já em meados de agosto de 2013. Alugamos um carro com tração 4X4, e passaram a integrar a equipe quatro pesquisadores da Unir, nascidos, criados e bem experientes com pesquisas na Amazônia. Nos preparativos, como é de praxe, arrumamos um isopor com frutas, iogurtes, água, biscoitos e muito gelo. Alimentos suficientes para suprir a equipe por um dia, caso houvesse algum contratempo, como atoleiros ou pontes caídas, por exemplo, ou mesmo, para esperar as balsas.

Saímos bem cedo, quase amanhecendo o dia, pois tínhamos uma balsa para atravessar e 400 km de estrada para percorrer, sem saber ao certo as condições de tráfego que a Transamazônica se encontrava no trecho entre Humaitá e Lábrea. O percurso Porto Velho – Humaitá, de 200 km, é de estrada asfaltada, foi uma maravilha. Paisagens belíssimas, ouvindo música, bom papo com os nossos amigos. Já fazia algum tempo não compartilhávamos uma aventura com este grupo. Fomos tirando fotos, uma visão diferenciada de um amanhecer amazônico.

Entrando na Transamazônica, como esperado, a estrada estava em recuperação... Na verdade, imensos tratores estavam "raspando" o barro amarelo, eliminando as valas para nivelar (tanto quanto fosse possível), nos trechos mais comprometidos. No entanto, o trabalho era lento e, ao avançarmos rumo ao nosso destino, tivemos que passar por grandes atoleiros, daqueles em que se precisava ativar a tração nas quatro rodas... Mas pros-

seguimos devagar, com todo o cuidado. Os próximos 200 km de "estrada de chão" deixaram a equipe sempre alerta, exigindo muito paciência. As pontes, as balsas, as curvas e os atoleiros requeriam atenção dobrada. Mas esta ainda era uma visão de um "trecho bom" da Transamazônica.

Prosseguindo na estrada, começaram a surgir borboletas, muitas borboletas, milhares delas. Elas estavam migrando para um destino contrário ao nosso, em alguns momentos amontoavam-se na beira da estrada e em outros voavam coloridas, lindas, pareciam alegres a nos saudar. Admirando as borboletas, brincamos, demos atributos àquela cena e, por fim, a denominamos de BORBOLETOVIA. Um recorde de borboletas voando em um canal formado entre a floresta e a estrada.

A viagem seguia seu rumo, mas "de repente" o copiloto, até então muito tranquilo e elegante, falou para o motorista: "Olha um bicho atravessando a estrada". Ouvimos um baque, "puf, puf...", o pneu do carro bateu num animal, que ficou imóvel, no leito da via. Um sentimento de culpa logo tomou conta de todos. Havíamos atropelado um animal. Paramos o carro, e o motorista e seu ajudante desceram para verificar quais era as condições do animal. Era uma lontra. Como ela mostrava sinais de vida, o sentimento era de "salvar" o animal. Pegaram um pedaço de madeira e começaram a "cutucar", tiraram fotos e nós no carro, estávamos apreensivas que a lontra pulasse e os mordesse. Ela continuava parada, inerte. Porém, de um momento para outro, ela se levantou e correu velozmente para a floresta, deixando os dois pesquisadores espantados e "boquiabertos". Mas felizes. Afinal, não haviam morto a lontra.

Essa história continua: chegamos a Lábrea no meio da tarde, foram mais de 10 horas de viagem. A estada em Lábrea, as visitas e os levantamentos, foram todos efetivados com relativa tranquilidade. Mas havia ainda outro destino, que tínhamos de fazer de barco tipo "voadeira", em uma comunidade indígena chamada "Ilha Verde". Nesta ilha vivem os povos de duas tribos que se harmonizaram, os Palmaris e os Apurinãs. Após duas horas de subida pelo Rio Purus e depois pelo Rio Ituxi... Porém, essa é uma longa história que contaremos em outra oportunidade... Vamos pesquisar na Amazônia! As emoções sempre vêm junto com as pesquisas, mesmo que nem sempre o Google seja exato e que nem tenha detectado a Borboletovia nem aquela lontra no meio do caminho. E isto sem falar nas aventuras fluviais, que também já são outra estória...